

MISTÉRIOS DA BATALHA DE LEME

Nosso repórter esteve em Leme para ouvir testemunhas quebra-quebra do dia 11, quando morreram duas pessoas e o ficaram feridas outras 18. Ele mostra aqui a difícil tarefa de se recompor os acontecimentos daquele trágico dia, acompanhando inquérito e ouvindo os envolvidos.

Duas semanas depois da batalha de Leme, que deixou dois mortos e 18 feridos, a comissão formada para investigar e tentar descobrir os responsáveis ainda não chegou a uma conclusão, mas já desenhou um quadro com impressões e detalhes importantes:

a) no dia 11 de julho, sexta-feira retrasada, havia cerca de 600 piqueteiros — cortadores de cana em greve — e 180 policiais militares, sendo 60 do patrulhamento de choque, na grande praça do Jardim Bonsucesso, periferia de Leme. Estavam lá, também, três deputados do PT e alguns assessores, ocupando dois automóveis, Opalas azuis da Assembléia Legislativa do Estado, um com a chapa amarela MI-9964, o outro com a chapa oficial AL-22.

b) as pedradas contra os policiais e os golpes de cassetetes e bombas de gás e de efeito moral contra os trabalhadores em greve agouraram praticamente ao mesmo tempo. É muito difícil definir, com precisão, quem agrediu primeiro. Os trabalhadores ou os soldados.

c) Mais difícil, ainda, mas não impossível, sara descobrir a identidade dos autores dos disparos que mataram Sibely Aparecida Manoel, de 11 anos, e Orlando Correa, de 22 anos. É provável que a Comissão descubra até os responsáveis pela pancadaria, o que originou a batalha, o comportamento da PM, dos deputados do PT e dos piqueteiros, mas o caminho para chegar-se à autoria dos homicídios está bloqueado por uma série de dificuldades, onde há lugar para o trabalho pericial, sempre fundamental em uma investigação, mas aqui comprometido.

d) a investigação começou mal, conturbada, e as providências essenciais não foram tomadas no dia da batalha final. Por exemplo: nenhuma arma dos soldados foi apreendida. Isso ainda poderá ser feito, mas quem garante que os revólveres usados naquele dia serão os mesmos apresentados? Um dos projéteis recolhidos só chegou à comissão três dias depois. É o projétil encontrado no corpo de um dos mortos, Sibely Aparecida Manoel. Falhas desse tipo podem ser incorrigíveis e prejudicam qualquer trabalho policial.

e) os policiais militares que fazem o policiamento ostensivo, regularmente, estavam na praça do Jardim Bonsucesso, perfilados ao lado dos 60 homens do Comando de Choque. Aqueles policiais — 120 homens de Leme, Limeira, Rio Claro e Campinas — estavam armados com revólveres carregados com balas de verdade. Os policiais de choque, por sua vez, estavam armados com bombas, cassetetes e usavam escudos, mas não portavam revólveres.

f) quando o quebra começou, os homens o choque avançaram sobre os piqueteiros, obedecendo a um sinal do capitão Vilar. Os piqueteiros atiraram pedras nos soldados, muitas delas tiradas da linha férrea que passa em um dos flancos da praça. À medida em que os piqueteiros corriam, policiais com revólveres iam atirando.

g) soldados atiraram para o chão, para o alto e também contra os piqueteiros.

h) não há uma testemunha até agora, que afirme ter visto os deputados do PT atirando ou mesmo empunhando revólveres — ou qualquer outro tipo de arma. Alguns depoimentos iniciais, tomados na sexta-feira, dia 11, levantaram suspeitas desse tipo contra os ocupantes de um dos Opalas do PT, mas houve retificações que alteraram, parcialmente, essa impressão.

i) os deputados do PT e membros da CUT tiveram participação ativa nos piquetes que vinham se sucedendo na região, orientando os grevistas, ensinando como deveriam fazer para impedir trabalhadores de irem às usinas; incitavam os grevistas e os ajudaram na batalha. Na quarta-feira, dia 3, a greve parecia chegar ao seu final. 70% dos cortadores decana trabalhavam. Mas aí os homens do PT e da CUT agiram e, no dia 41, estourou a batalha.

São as primeiras impressões — que se podem transformar em conclusões da comissão formada para Investigar a batalha de Leme. Da comissão fazem parte o delegado de polícia, Adolfo Magalhães Lopes, o do promotor de Justiça, Francisco Mário Viotti Bernardes, o deputado estadual Marco Antonio Castelo Branco e o presidente da OAB-seção São Paulo, José Eduardo Loureiro. Os advogados Luiz Eduardo Greenhalgh, que trabalha para o PT, e Claudio de Luna, que trabalha para policiais militares, estão acompanhando todos os depoimentos e investigações. Podem até mesmo fazer perguntas às testemunhas.

31 depoimentos

Até aqui, 31 pessoas falaram à comissão. Com base nesses relatos, surgiram as primeiras deduções sobre a participação de cada um. Mais cem pessoas ainda serão ouvidas no inquérito que prossegue amanhã, quando serão tomados os depoimentos de mais seis passageiros do ônibus placas HP-6547, atingido por uma chuva de pedras quando chegava à praça, vindo pela avenida Raposo Tavares.

No início da apuração, a informação que prevalecia era esta: o conflito começou quando o ônibus vermelho, verde e amarelo, dirigido por Orlando de Souza, de propriedade da Agropecuária Cresciumal S/A (uma das maiores usinas de cana da região) ia chegando à praça e foi ultrapassado por um Opala azul da Assembléia, usando as chapas frias MI-9964. Do Opala — informava-se — partiram disparos de arma e fogo que estouraram o pára-brisa dianteiro e vidros laterais do ônibus. No Opala estariam: o motorista. Geremias Rodrigues Marques, José Genoíno Neto, deputado federal, Paulo Otavio de Azevedo Júnior, candidato a vice-governador do Estado pelo PT, um assessor dos políticos conhecido por Chicão.

Levando em conta os relatos de três pessoas — motorista do ônibus. Orlando de Souza, 45 anos; um dos passageiros, José Henrique Cafasso, 34 anos, que também é motorista da Cresciumal; e Ovílso Santos, encarregado do setor de transportes —, o delegado João Batista Dias da Costa, que trabalha em Leme, abriu o inquérito sobre “Atentado contra a liberdade do trabalho, duplo homicídio e lesões múltiplas”, número 225/86. Quanto à questão do atentado contra a liberdade do trabalho, pelo menos em termos legais, a comissão tem esta informação: depois da batalha, o Tribunal do Trabalho julgou legal a greve. Antes disso, como não havia uma definição da Justiça trabalhista, vários trabalhadores que queriam chegar às usinas teriam pedido salvo-conduto à Justiça da cidade de Leme. A comissão vai pedir informações sobre isso ao juiz.

No despacho de abertura do inquérito, delegado João Batista escreveu: “Por volta de 6h30 da manhã (dia 11), na avenida Raposo Tavares, encontro com as ruas Maestro Angelo Consentino e José Baldin, no Jardim Bonsucesso, o ônibus HP-6547, dirigido por Orlando de Souza, levando 43 trabalhadores mensalistas para a Usina Cresciumal, com três policiais militares em seu interior, e escoltado por uma viatura da PM, tentou passar por um piquete, sendo ultrapassado pela esquerda, segundo testemunhas, por um Opala azul, placa particular MI-9964, cujos ocupantes desse veículo desfecharam tiros contra o coletivo, verificando-se a partir daí grande tumulto, com apedrejamento do ônibus e vários disparos no local, resultando, em consequência, a morte de Orlando Correia e Sibely Aparecida Manoel e lesões corporais em...” (segue-se o nome de 18 pessoas).

Relato de Ovílio Santos: "Os trabalhadores começaram a atirar pedras contra o ônibus, todos deitaram-se no chão do ônibus. O motorista parou o ônibus, abriu a porta traseira e o pessoal saiu. Fui um dos últimos a sair e corri pela Raposo Tavares, vi um Opala azul e neste preciso momento começou o tiroteio. Não sei quem participou do tiroteio, não sei se a Polícia atirava. Vi os policiais jogando tarimbadas de gás. Um tiro que atingiu o ônibus saiu do interior do Opala. Não sei quantos tiros os ocupantes do Opala dispararam. Como estava escuro, não pude anotar as placas do Opala, e nem ver quantas pessoas estavam dentro dele. O Opala, depois dos tiros, sumiu do local. Não tenho condições de dizer quem matou as duas pessoas e feriu as outras. O causador de todo este tumulto foi o Opala. Nos outros dias (antes da sexta-feira), nada houve. Hoje (sexta, das 11), no momento em que o Opala passava é que começou o tumulto, inclusive o tiroteio. Os PMs do ônibus não sacaram as armas e saíram com a finalidade de acalmar o pessoal".

Apedrejamento

Relato de José Henrique Cafasso: "O ônibus saiu do Jardim Primavera e foi pegando os funcionários, todos motoristas e mecânicos da firma. Os trabalhadores rurais começaram a apedrejar o ônibus, quebrando vidros. O motorista freou e abriu a porta traseira para os passageiros descerem. No ônibus ninguém ficou ferido. Os PMs não esboçaram qualquer reação e nem sacaram as armas. Surgiu um Opala azul, com placas amarelas, mas não vi números e nem a cidade. Vi as maçanetas das portas, lado externo, cromadas. Três ou quatro pessoas dentro. O Opala ultrapassou o ônibus pela esquerda. O ônibus já estava parado. O Opala cortou a frente do ônibus, ficando atravessado na rua. Ficou com a lateral direita virada para a frente do ônibus. Um ocupante do Opala efetuou dois disparos em direção ao ônibus. Um tiro atingiu o vidro dianteiro e acertou, também, um vidro lateral esquerdo, que estourou. O segundo tiro pegou na grade dianteira do ônibus. Não consegui identificar o autor do tiro, eu estava dentro do ônibus e não dava para avistar o interior do Opala. Eu estava com a mochila na frente do rosto, para me defender das pedras, o que me atrapalhava a visão. O Opala saiu em alta velocidade e seguiu a avenida ao lado da linha férrea. Ninguém atirou contra o Opala. Os PMs não deram tiro no local. Depois, no tumulto, pessoas não identificadas atiravam contra os PMs. Essas pessoas estavam do lado de baixo da linha do trem. Os PMs atiravam para cima, para espantar. Antes da chegada do Opala, não havia tiros. Com os tiros efetuados pelo passageiro do Opala é que começou o tiroteio".

Relato de Orlando de Souza: "Os trabalhadores começaram a jogar pedras, fui obrigado a parar, fui atingido por uma pedra, mas não fiquei ferido. Os PMs não esboçaram reação, não sacaram as armas. Não dava para ficar no ônibus, era grande o número de pedras. Aí apareceu o Opala azul, que ultrapassou o ônibus, pela esquerda. O ônibus já estava parado. No momento da ultrapassagem é que surgiu o tiro que atingiu o vidro lateral e o da frente. O Opala sumiu. Realmente os tiros vieram do Opala. Após o tiro do Opala é que começou o tiroteio no local. As pessoas que jogavam pedras estavam em cima da linha do trem. A PM começou a atirar, outras pessoas não identificadas atiraram. Os PMs atiravam para cima. A viatura que acompanhava o nosso ônibus (um carro da Polo), foi tentar espalhar os que atiravam pedras, atravessando a linha do trem. Não vi mais nenhum carro. O Opala azul é que foi o causador de todo o tumulto. Não sei quantos estavam no carro".

Afinal, o ônibus foi mesmo atingido por disparos de revólver? Tecnicamente essa informação não está comprovada. Os exames periciais feitos no ônibus não apontaram vestígios de tiro. Na sexta-feira, o delegado Adolfo Magalhães Lopes pediu à Polícia Técnica que examinasse especificamente a grade dianteira do ônibus, por causa de "um amalgamento profundo, um inquieto muito violento, que pode ser provocado por um tiro". A peça foi analisada pelos peritos e a conclusão é esta: "não há sinal de tiro na grade, no exame residual não foram encontradas partículas de chumbo".

No sábado, dia 12 de julho, Eduardo Suplicy, candidato ao governo do Estado pelo PT, o advogado do Partido, Luiz Eduardo Greenhalgh, e vários jornalistas estiveram na casa de uma das testemunhas, José Henrique Cafasso. Houve pressões? Luiz Eduardo, o advogado, nega. "Fomos lá para ouvir a versão de Cafasso. E percebemos que havia muita coisa diferente do depoimento que estava escrito, lá na delegacia!"

Retificações

José Henrique Cafasso, o motorista Orlando de Souza e Ovilso Santos foram ouvidos novamente e retificaram alguns trechos.

(...) Realmente os tiros vieram do Opala (...) — havia dito inicialmente, Orlando.

(...) O tiro foi disparado no momento em que o Opala ultrapassou o ônibus que eu conduzia, não posso afirmar com absoluta certeza se o tiro contra o ônibus partiu do interior do Opala (...) retificou Orlando.

(...) Uma pessoa que estava no interior do Opala efetuou dois disparos em direção ao ônibus (...) — havia dito José Henrique Cafasso.

(...) Apenas ouvi os tiros, justamente quando o Opala ultrapassou o ônibus. Não posso afirmar com certeza se o tiro partiu do interior do Opala, por falta de visão, uma vez que eu estava com a mochila protegendo o rosto, do lado direito, o ônibus estava sendo apedrejado (...) — retificou José Henrique.

(...) Um tiro que atina o ônibus saiu do interior do Opala (...) — havia dito Ovilso Santos.

(...) Não posso afirmar com absoluta certeza se o tiro teria partido do interior do Opala, mas sim procedente da direção desse veículo, quando ultrapassava o ônibus (...) — retificou Ovilso Santos.

A partir dessas retificações, a comissão formada para investigar a batalha de Leme passou a tomar muito cuidado com os depoimentos. Desta forma, as informações transmitidas simplesmente não bastam. O delegado Adolfo Magalhães Lopes mantém sobre sua mesa um desenho, o croquis do local, da praça sem nome do Jardim Bonsucesso, por onde passa a maior parte dos ônibus e caminhões levando trabalhadores para as usinas. O desenho foi feito por peritos, mas já está merecendo críticas do PT que, por sua vez, mandou preparar um outro desenho do local, mais amplo, incluindo, nesse trabalho, ruas que não aparecem no croquis oficial.

Em um lado da praça, junto a uma cerca de arame farpado, estavam as tropas policiais. Os homens do choque ao lado dos policiais armados com revólveres. Havia, ainda, uma viatura da Operação Polo e um ônibus da PM. O capitai, Vilar comandava a operação policial.

A 45 metros dos soldados e oficiais estavam os piqueteiros. No mapa aparece um ônibus na avenida Raposo Tavares, chegando à praça, antes da linha férrea. O ônibus está a 60 metros das tropas.

Uma seta indica a distância das tropas até o local onde Orlando Correia e Sibely Aparecida Manoel foram atingidos: 80 metros. Outra seta revela que Sibely correu 13 metros e caiu, sob uma árvore, no encontro da avenida que ladeia a linha do trem com a rua Pedro Álvares Cabral.

Depoimento de Maria Aparecida Canteli Bonvechio, 26 anos: "Eu era amiga da Sibely. Ela havia trabalhado como doméstica da minha irmã, a Neide. No dia, mais ou menos 5h00 da manhã, eu convidei a Sibely para ir ao piquete. De repente, houve uma tremenda confusão. Os

PMS, do lado debaixo da linha, iam em cima dos piqueteiros, com golpes de um bastão que dá choque. Os piqueteiros revidavam com pedras e aumentou o número de policiais. Aí os policiais atiraram, para cima. e outras vezes as balas passavam raspando a gente. Uma bala passou raspando a minha cabeça. Corremos. A Sibely disse para mim: "Cida, me pegaram". Continuamos correndo, atravessamos a linha. Sibely perdeu as forças e caiu. Os tiros saíam do local onde tinha muitos policiais. Fazia uma fumaça esbranquiçada. Não tenho condições de identificar nenhum dos policiais".

Mapa

No mapa não aparecem os Opalas azuis da Assembléia. O advogado Luiz Eduardo Greenhalgh garante:

— Os dois Opalas estavam em Leme naquele dia. Por instantes ficaram ali na praça, próximos ao contingente policial. Ai o Opala AL-22 saiu da praça, foi fazer uma verificação de piquetes em outros lugares. Ficou ali na praça o Opala MI-9964. Quando o Opala AL-22 retornou, a pancadaria já havia começado. Foi o Opala AL-22 que ultrapassou o ônibus da empresa Cresciumal, na avenida Raposo Tavares. Mas não houve fechada e muito menos tiro. Ninguém estava armado no Opala. Dentro do AL-22 estavam: o motorista Manoel Carlos dos Santos, os deputados Anísio Batista e Djalma Bom, e o Itamar, da Comissão de Mobilização da Greve.

Depoimento de Manoel Carlos dos Santos: "Quando a gente estava chegando na praça, pela Raposo Tavares, depois da verificação nos locais de piquetes, eu parei o Opala AL-22. Metade do Opala ficou do lado do ônibus. A outra metade ficou para trás. Eu falei aos deputados: 'Não vamos entrar aí que o negócio tá feio'. Tentei dar ré, mas havia um carro da Polo logo atrás. Tive que avançar, dobrei à direita, rodei pela avenida que passa ao lado da linha do trem. No terceiro quarteirão, à direita, paramos: Um homem estava ferido, ali. Mais tarde fiquei sabendo o nome dele: Orlando Correia. Nós o colocamos no banco traseiro e o levamos à Santa Casa".

(Orlando foi morto com uma bala n peito, a bala o pegou quase no coração. Um projétil calibre 38.)

(Sibely Aparecida Manoel foi baleada no lado do corpo. A bala atravessou o corpo de Sibely, do lado esquerdo para o direito. Calibre do projétil examinado pela perícia: 38.)

A versão sobre o Opala AL-22 surgiu na sexta-feira passada. Até aí falava-se praticamente apenas no MI-9964, um carro à disposição do deputado Geraldo Siqueira, mas que estava em Leme, sendo usado pelo deputado federal José Genoíno Neto. Num determinado momento da investigação, o PT nem admitia que qualquer um dos Opalas tivesse ultrapassado o ônibus da Cresciumal. Mas, agora, já se admite que um dos Opalas estava no cenário, perto do ônibus.

A polícia apreendeu um revólver tipo garrucha, calibre 22. Ele estava com João de Souza, 35 anos, que foi detido na casa número 22 da rua Pedro Álvares Cabral, em Vila Santa Rita, vizinha ao Jardim Bonsucesso.

Sete projéteis foram recolhidos. Todos são calibre 38. A arma calibre 38 não é exclusiva da Polícia Militar. Hoje, grande parte da população armada possui revólver 38. Se os projéteis forem comparados com as armas que futuramente poderão se apresentadas à comissão, é provável que indiquem com precisão os autores dos disparos. Tecnicamente há condições para isso. Os projéteis recolhidos estão em bom estado, embora com alguns arranhões e amassados. O projétil encontrado no corpo de Orlando Correia está perfeito. Isto significa que no trajeto que ele percorreu — da arma que o disparou, até o corpo de Orlando — não foi interrompido por nenhum outro obstáculo.

Uma falha, a esta altura sem correção: no dia da batalha, atiradores e suspeitos de terem atirado deveriam ter sido submetidos a exames residuográficos. Este trabalho pericial define se uma pessoa fez ou não uso de arma de fogo, pois pode identificar vestígios de pólvora nas mãos examinadas. Mas ninguém foi submetido ao exame residuográfico.

Quem agrediu primeiro? Alguns depoimentos apontam os piqueteiros como os primeiros a atirar pedras contra um ônibus (não o da Raposo Tavares) e contra os soldados que avançaram, armados com cassetetes e bombas. Outros depoimentos acusam os PMs de terem dado início à pancadaria, assim que aquele ônibus foi cercado pelos trabalhadores em greve.

Antônio Quirino Lopes, 22 anos, lavrador: "Sou cortador de cana há seis anos, estávamos em greve para reivindicar o pagamento do corte da cana por metro e não por tonelada. No dia, um caminhão parou na praça. Fomos em cima. A PM chegou, todos correram. Os trabalhadores passaram a apedrejar os policiais que os haviam atacado. Revidando às pedradas, os policiais passaram a atirar para cima e para baixo. Eu estava a mais ou menos 20 metros do local. Pensei que as balas fossem de festim. Fui baleado no braço esquerdo. Não tenho condições de reconhecer os PMs que atiraram. Não vi nenhum civil com revólver".

Paulo Honório Pereira, 26 anos, lavrador: "Há 18 anos trabalho no corte, na Usina Santa Lúcia, com o turmeiro Luiz Pilão. No dia, um caminhão passou no meio do pique-te. Pedras no caminhão. Depois, outro caminhão, um cara-chata da Mercedes Benz, passou e atiraram pedras nele, também. Eram uns 500 a 600 piqueteiros. Depois do segundo caminhão, um policial, com uma farda cinza, boné bico-de-pato, deu sinal com os dedos, em V, para a tropa de choque avançar (era o capitão Vilar). Houve um corre corre e os piqueteiros atiraram pedras nos policiais que jogavam bombas de afãs. Vi um ônibus da Cresciumal chegando e os piqueteiros passaram a apedrejá-lo. Eu joguei pedras. Os PMs que estavam no ônibus desceram e atiraram. Não vi nenhum carro particular na frente do ônibus. Fui balando na perna direita. Ainda corri uns 40 metros e um conhecido, o Ligorno, me socorreu. No local eu vi, sim, um Opala azul pertencente aos políticos do PT e que davam apoio aos piqueteiros. O Opala estava estacionado nas proximidades da tropa de choque. Posso reconhecer o policial que me baleou. Eu estava a uns 15 metros dele. Foi na esquina da Raposo Tavares com a rua Maestro Angelo Consentino".

Eis o que diz Antonio Henrique de Oliveira, 32 anos: "Policiais iniciaram um tiroteio no local. Fiquei ferido na perna esquerda. Antes de ser baleado, arremessei duas pedras contra os policiais, mas não os atingi".

Paulo Azevedo, 42 anos, metroriário, o candidato a vice na chapa do PT, conta isto: "Eu estava no local, com o deputado José Genoíno e os dirigentes sindicais. Aí apareceu um ônibus, levando tratoristas da Cresciumal. E logo apareceu um caminhão, que emparelhou com o ônibus. Os grevistas passaram a ofender os ocupantes do ônibus, palavras de ordem, pela greve. Vi que o capitão Vilar deu ordem de comando aos policiais que prontamente se perfilaron. Eu e meus companheiros, notando o movimento policial, pedimos aos grevistas que se afastassem do local. Com o início da movimentação policial, fui derrubado no chão. Os policiais procuravam dispersar os trabalhadores, acuando-os em direção, à linha férrea. Eu deixei o local, com meu companheiro, o Vidor, ficamos próximos de um açougue. Os policiais usavam os cassetetes e os trabalhadores passaram a atirar pedras nos policiais que começaram a jogar bombas e, depois, enfatuaram disparas de revólver".

A comissão tem muito trabalho pela frente. Mais testemunhas, perícia em locais — paredes, muros — atingidos por projéteis, e até acareações. Algumas constatações já são possíveis. Os deputados do PT Djalma Bom e Anísio Batista tiveram participação decisiva no robustecimento do movimento grevista, freqüentando os locais onde havia assembléias, sempre à tarde. Numa dessas assembléias, esteve presente o jurista Hélio Bicudo, que foi à cidade em um Eston. Os

dias que antecederam a batalha final foram violentos e tensos. A prova disso são os 42 boletins de ocorrência juntados ao inquérito. Boletins que revelam casos de incêndios em canaviais, piquetes, agressões, a partir do dia 7, segunda-feira Mas a greve estava a caminho do fim. A adesão era pequena. No dia 11 lá estavam, na praça do Jardim Bonsucesso, deputados do PT — além de Djalma e Anísio, também José Genoíno — e a batalha estourou.

— Indiciamentos? Não podemos falar! ou pensar nisso. Temos um quadro de impressões, com base nos depoimentos, nas visitas ao local. Mas ainda não podemos tirar conclusões — fala o delegado Adolfo Magalhães Lopes.

Fausto Macedo